

Pão Nosso . . .

Porto, 27 de Julho de 1910.

N.º 15

SUMARIO:

- I — A DOIDIVANAS DA FANTASIA!
- II — OUTRO PIO.
- III — GUERREIRO DE CORTIÇA.

A doidivanas da Fantasia!

Tréplica ao sr. Conselheiro José d'Alpoim

Na Renascença.— Peçonha elegante.—
A rapariga defende-se.— Respostas
ao que se não perguntou.— A derra-
deira traficancia eleitoral.

Rematava eu a leitura da resposta que no *Dia V. Ex.^a* déra á carta que lhe dirigi. Por minutos grudaram-se-me as cellas dos olhos á linha em que V. Ex.^a de mim afirma:— *Mas, como fantasista, passa as márcas do que póde crear a imaginação mais exaltada.* Ora aqui está, ruminei num chuveisco de magoas, aqui está como se arruina uma reputação!

Contam que os principes italianos da Renascença se desfazião dos adversarios por fórma parecida. Fóra de portas o aguardavam com luxuosa cavallhada. Charamelas, atabales, doçainas, cornitrombas, calavam as nuvens com o trom de suas vozes. Seguiam arautos, reis d'armas e pagens. Depois troços de

fidalgos montados, e os arreios dos ginetes, sombreiros, górras, e adereços dos nobres, eram caudal de sedas e plumas, veludo e pedraria ardendo á soalheira.

A compasso, côrte e comitiva marchavam, com o inimigo no lugar d'honra, por meio das ondas do populacho que uivava clamores, e dos novêlos de mulherigo de riso alacre no semblante e arregaçadas de rosas que a mancheias esparziam.

Entrava o prestito suntuoso os principescos alcaçares. Começava o festim. Acudiam os poetas a órnejas sonetos, os bufões e os beguinos goliardos trejeitando farças e afiando chistes. De quando em quando, ao cravar-se o trinchante no bojo duma peça de caça grossa, soltavam-se do recheio revoadas de pombas que adejavam atravez dos salões.

Aos postres, bandos de cortesans núas entrelaçavam rondas e suavam lascivia em torno dos convivas. Era então que o principe ao seu hospede oferecia, duma ambula de cristal e prata o vinho mais precioso da sua casa.

De facto, ao contemplá-lo na taça, tanto oiro e rubim se derretêra na bebida, tal encanto de luz refulgia na transparência, que se diria sol condensado, o sol que sasona os vinhedos de Chipre, e que a alma da alegria estoirava nas bôlhas á flôr do liquido.

Sómente... sómente o principe houvera a cautela de sacudir-lhe no seio, dum frasco minuscuro oculto no talim do seu punhal, tres gotas apenas dum veneno sublime, peçonha de perfeição que jamais perdoava.

N'ampla cratera d'oiro servia a morte ao conviva. Tempo curto passado, o hospede rolava no espaldar da poltrona, ou bacia de bôrco no sobrado, como rez bravia a que meteram a choupa, ou como homem robusto escornado no ventre por um toiro bravo.

E assim V. Ex.^a para comigo procedeu.

Ungiu-me d'elogios. Quer no *Dia* quer no *Janeiro* attribuiu-me talento, o talento, vulgaridade d'arrecata que hoje todos possuem! Até de «grande escritor» me caluniou, a mim que nem acaso literatejei umas lyricas, medidas pela pauta das alfandegas, ou besuntei de psicologia pobre dois manequins desengonçados num volume de contos!

Mas, ao cabo, instilou o meu descredito total, absoluto, irremediavel. Sofro de fantasia galopante. Já devo trazer cavernas nos bofes, ou as circumvoluções cerebraes a aplainarem-se. Sou culpado de atravessar a raia «da imaginação mais exaltada!»

Agoniado, agora mesmo que escrevo, toquei a rebate pela minha Fantasia. Acorreu prestes a rapariga.

Porque V. Ex.^a certo como eu sabe, que a gente vê por esses quadros de pintores, grupos de estatuaria, iluminuras de desenhistas, sempre representada a Imaginação, a Inspiração, a Fantasia em suma, no feitio e figura duma donzela de tanga branca afogada no côlo, magra como um obrigacionista do Credito Predial, esguia, e de vista revirada. Um verdadeiro linguado *au gratin*.

Chamei a rapariga, sentei-a em frente de mim ao lado do *Dia*, obriguei-a a soletrar a réplica de V. Ex.^a, e ferrei-lhe um discurso requentado, de sedições falas, e senso comum a rôdo.

Na verdade, e porque não confessar? vinha a triste com as guedelhas serpejantes, sem altania no focinho, musculos pouco estofados, ar de devota esfalfada.

— Ouve, pequena. O sr. conselheiro Alpoim acusa-te de tomares cantaridas todas as manhãs. Porque não te enfreias? No dia em que tornares a esquentar-te, obrigo-te a glosar um livro do sr. Marnôco e Souza, o maritimo mais capeludo da Universidade.

— Não sejas asno, menino. Se eu descarrilára, obrigáva-te a escrever que o desembargador Eduardo Coelho, todas as vezes que ao longe catrapiscava o sr. Alpoim, incluía no recenseamento do Porto mais quinhentos eleitores republicanos: que o bispo de Beja pedira a mão ao bispo da Guarda, por não poder pedir-lhe outra coisa: que o meu cliente Marcel Prévost, psicologo de

segunda classe, que nunca recebeu faisca do genio português, é o mais agudo analista da familia dos Orléans. E...

— Não, pequena, não. Encrava-te no terra-à-terra. Se avoegas pelas cumieiras do Improvavel, regressas com azia, e eu arrotó de tédio.

— Escuta. Um romancista inglês, Allen Upward, genero imaginativo Ponson du Terrail, poz uma vez na bôca dum politico experimentado que a certo jornalista acabava de fazer confidencias graves, a frase que segue:

«E tome sentido: Não acredite palavra do que lhe acabo de revelar. Por officio — minto; e por prazer — nunca digó a verdade.» Que te parece esta?

— Parece que trazes muita cerveja nas opiniões.

*

*

*

Correu-me, V. Ex.^a, uma estocada de força. Apresentando-me aos seus leitores como homem de inventivas desgrenhadas, em panos menores, ia desacreditando futuros descobrimentos que nestes panfletos virão a lume. V. Ex.^a assim premunia o publico: — «Fulano? E' rapaz que diverte a sua rôda de amigos. Porém, sonha os acontecimentos. Ao levantar-se da cama, toma os vapores noturnos como realidade, e solta-os aos galões por esse mundo além, entrajados de avelorios.»

Sendo assim, porque é que V. Ex.^a respondeu ao que eu não adeantára? Porque é que se enfuria na negativa de que nem V. Ex.^a nem o sr. Lima Junior atracaram pessoalmente os venerandos do Supremo para lhe rogarem a exclusão dos 2:000 eleitores tripeiros, suspeitos de jacobinismo?

Tal não avancei. As minhas e seguras informações, de tamanha audacia se acanharam.

E V. Ex.^a, ao passar estas linhas pela sua frente, nevará desdens sobre o meu noviciado. Pensa: — «O rapaz é simplorio! Entre a trivialidade dos artificios polemistas, enfileira-se a de attribuir ao contraditor o que elle nunca pensára. Martela-se

nesse ponto até lhe amachucar os miólos. Rasgam-se, depois, tres venias á assistencia, e abandona-se o inimigo na arena».

Restabeleçamos a questão nos precisos termos, e consoante os canones da logica.

Ao momento de decidir-se no Supremo Tribunal um recurso de malandrinesca parvajolice contra cêrca de 2:000 eleitores do Porto, o sr. Lima Junior arrancou sobre Lisbôa.

Dirigiu-se a V. Ex.^a? Dirigiu. Facto que nem V. Ex.^a nega.

D'ahi enveredou para o sr. Teixeira de Souza? Para que desmentir o que todas as gazetas inseriram!

Que trataram na conversa? Sabe V. Ex.^a, sabe o sr. Lima Junior, o presidente do conselho sabe.

Em resultas dessas conferencias, o sr. Lima Junior obteve, de corrida, audiencia d'El-Rei. Fruto: — Baixar ordem do Paço aos venerandos, para acomodarem o recenseamento do Porto segundo os desejos e os *interesses politicos* do sr. Lima Junior.

Onde viu V. Ex.^a, nas paginas anteriores do *Pão Nosso...*, que se insinuasse — mesmo á ligeira — haver V. Ex.^a ou o sr. Teixeira de Souza, solicitado algo, neste particular, directamente dos antepassados do Supremo?

Dirá V. Ex.^a: — « O sr. Lima Junior desceu té Lisboa a devisar com El-Rei de assuntos intimos ».

Não corre. Não consta que o sr. Lima Junior negocie casamentos regios, nem creio que fosse chegar algum bispo ás abas murchas de Sua Majestade.

O sr. Lima Junior nem ao menos precisou para o seu trafico mercantil o titulo de fornecedor da casa real. Nunca almejou ser comendador, barão, gran-cruz, ou moço fidalgo. Nunca entrou no Paço para, em sarau de musica trocista, pigarrear de tenorino ou baritono de meia escudela, em comparança de algum patarata desta praça, grilo enxofrado que trila sempre a destom.

Mas o sr. Lima Junior envinagrou o animo com o golpe com que os republicanos do Porto fenderam aqui o seu velho dominio politico, ha extensos annos assente, e prometeu des-

forra. Já ella começou, com o estrangulamento eleitoral, e ella seguirá com os episodios que estão decorrendo.

A cada passo, V. Ex.^a assegurava morar paredes meias com a democracia republicana. No Porto, o sr. Lima Junior combina-se com os *prediaes*.

O sr. Lima Junior aprecia e anota os discursos que V. Ex.^a profere, os artigos que V. Ex.^a estilisa. Entra-lhe pelas imagens altivolas, comove-se com o entrosamento de prosopopeias modeladas no rigor de Quintiliano, e talvez cite, a descuido, os paralelos que V. Ex.^a com maestria bosqueja (por sinal mais imaginosos que veridicos) da Italia dos Saboias, com o Portugal dos Braganças.

Comtudo, no remanso da leitura, o sr. Lima Junior adita: « Que poeta a falar! Mas cá p'ró Porto não péga. Aqui governo eu. » E manda.

* * *

Pois que eu seja adversario tão desavisado que ao gume do inimigo abandono a ilharga sem defensão, vou deixar a V. Ex.^a um tema adoravel para osquestrar poemas sinfonicos sobre a tal fantasia desnalgada, boneja vadia que só me ganha dissabores.

Nos Loios, cidadela politica do sr. Lima Junior adentro cá da Invieta, amiudam-se conciliabulos e tracejam-se planos para a proxima campanha eleitoral. Com o sr. Lima Junior se juntam o sr. Leopoldo Mourão, o sr. Avides e... e... e... a pena emperra, e o sr. Adolfo Pimentel! Aquelle sr. Adolfo, o mais pitoresco bicho da fauna conselheiral, o tragico navegante que descampa pelos mares da sandice como se abalara em demanda de descobrir-se a si proprio. O mesmissimo orador da reunião henriquista que cravou os dentilhões da frente no partido dissidente e que o *Diario da Tarde* todas as noites finca... em falso!

Juntam-se, não apenas para combinações eleitoraes atinentes ao municipio, como para gisar a traça de um acôrdo relativo á eleição de deputados pelos dois circulos do distrito. Euxurdaram-se mais.

Dias ha que um vendilhão de infamias impressas, petrificação excrementicia que o exercito varreu das suas fileiras, animalajeo, á margem da sociedade, de colmilhos lurados pela miseria, aos Loios abicou a buscar ordens ou depositar alvitres!

Conclusão geral:—Dos *prediaes* e outros socios do blóco, que nos Loios se acamaradam aos dissidentes do Porto como se todos fossem da mesma cevadeira, subiram ao governo civil propostas d'acôrdo geral. O sr. conselheiro José Arroio — *até esta data*, — rejeitou-as.

Fôra isto fantasia minha que só tinha a louvar-me na sua riquêsa e com tão pojada veia d'inventor requerer o cargo de juiz d'instrução criminal, em missão de descobrir regicidas! Fôra isto fantasia desacotada, esbagaxando os seios a todos os ventos da maledicencia!

Que não é, as proximas eleições neste distrito o provarão, e dê-me V. Ex.^a licença que então me desobstrua de considerações que agora recolho, ainda que ameaçado de rebentar dum vólvo.

De V. Ex.^a, At.^o V.^{or} Obg.^o

P. C.

Outro pio

A doença do snr. Agostinho Fortes.
 — Varios sistemas d'ortopedia mental. — O partido republicano e a educação popular. — Republicas excomungadas. — Um catedratico falecido.

Desde que o snr. Agostinho Fortes, pensador original como o Cesar pensador, e que já andou extraviado no directorio do partido republicano, engravidou da ideia dum novo partido socialista, o snr. Agostinho Fortes deve padecer da bexiga. E' retenção d'aguas.

Primeiramente um redator do *Imparcial* procedeu á dilatação, e o sr. Fortes ourinou uns pingos. Domingo, outro redator do *Seculo* tentou aliviá-lo, e o sr. Fortes lagrimejou, pelo mesmo canal, mais umas gotas de reformismo.

Vae melhorando. A padroeira do reino o salve da uremia socialista.

No primeiro acesso, o sr. Fortes ainda confessava que se a monarchia arremettesse pelas grandes reformas, elle estava ali á mão. Dava-lhe um voto de confiança. Desta assentada «reconhece na monarchia a ultima instituição social dos velhos tempos empiricos».

Tempos empiricos? Bôa frase! Este homem acaba socio do Instituto de Coimbra.

O redator do *Seculo* pergunta ao snr. Fortes qual o fim do *Partido socialista reformista*. Resposta avisada: — «Reformar a estrutura mental do povo portugûes... Esta reforma abrange, claro é, todas as modalidades da vida social».

Modalidades... estrutura mental... velhos tempos empiricos... Que giria! Calão pseudo-scientifico com que os insignificantes condimentam varreduras d'ideias emprestadas. «As palavras são a moeda dos tolos» — ensinou Hobbes.

De que depende a estrutura mental duma raça ou duma nacionalidade? De causas antropologicas e etnograficas.

Como as reforma o sr. Agostinho? Esquece-se de o dizer, mas facil seja imaginar os processos. São de ingenua simplicidade dentro de variedade enorme.

Por exemplo: — Regressa-se ás epochas prehistoricas. O sr. Fortes refaz as raças desse periodo, escolhe as mais aptas, cruza-as a bel talante, encerra-as num parque, galgam-se dum salto os empirismos dos tempos surrados, e... táte, cá estamos no presente com solida estrutura mental capaz de desafiar as lascas do silex.

Outra maneira:—Uma comissão de remonta corre o paiz. Escolhe as cabeças mais de parecença com a estrutura dos Agostinhos. Estabelecem-se harems e caudelarias. A' terceira ou quarta volta, ahi rebenta gente nova.

Ou ensinam-se as parteiras, no momento dos recém-nascidos abrirem as goelas para assegurar que já arribaram á patria do reformismo, a amolgarem as cabeças dos creanços por feitio que acabem em bico. Fabricar piramides de genio.

Ou ainda:—Serram-se as caixas craneanas dos vivos, descapsula-se-lhes o cerebro, batem-se os miolos com uma colhêr de prata, lavam-se em tres aguas, deitam-se de novo no recipiente, ajusta-se-lhes a tampa, pespega-se-lhes colodio nas fendas, e topa-se uma humanidade inteira com o reformismo no inteletto!

*

* *

Porque o sr. Agostinho Fortes, para justificar as suas insidias em molho palavroso de diplomado, acrescenta noutra passagem que «o partido republicano tem descurado demasiado a educação popular.» Elle Agostinho não descura. Possui um collegio frequentado... por quem pode pagar. E ninguem deu tento ainda das estruturas mentaes de cariz moderno, especie super-homens, que d'ali se evolum.

Como se educa um povo? Creando escolas, fazendo cursos, propagando a leitura, trazendo as populações á compreensão da vida civica, interessando-as nella, guiando-as á luta.

Ora o partido republicano, que só entrou numa intensa actividade partidaria, de ha meia duzia d'annos para cá, em cada centro que funda abre uma escola, multiplica os seus conferentes, arrasta as populações ao cumprimento dos seus deveres de cidadãos, ensina-lhes os seus direitos, derrama opusculos aos milhares, sacode a nação inteira do torpor em que jazia. Perseguido por vezes, obrigado pelos acontecimentos a lançar-se no caminho dos sacrificios revolucionarios, nunca afroixou.

Entretanto o sr. Fortes, cuja eficacia de ação nunca se vislumbrou, entretêm-se a passar os recibos das mensalidades vencidas aos seus alunos! E de que vale ensinar a ler uns milhões, d'analfabetos, se depois de soletrarem a letra redonda, lhes toca por pasto á intelligencia os engrimanços agostinhaceos?

E não sabe o sr. Fortes que a educação duma democracia, só a cabo se pôde conduzir dentro da propria democracia, e nunca sob governos absolutistas? Ignora que só se aprende a ser livre praticando a liberdade, como só se aprende a andar, — andando?

* * *

No pincaro da sua estrutura mental, onde por elevado e solitario os pardaes devem esterocar, o sr. Fortes sente comichões de pontifice. Excomunga... por grôso.

Toma a Republica Francêsa e condena-a «em absoluto»! agarra nos Estados Unidos da America do Norte, e põe-nos fóra do seu gremio partidario! Este gigante anda a arrastar-nos a um temeroso conflito internacional.

Estrondeiam ahi as esquadras francêsas e norte-americanas, reclamando Agostinho. Para o remeterem ao psiquiatras, no intuito de estudo dum caso agudo de megalomania? Nada. Para, como na sentença salomonica do fedelho que duas mães disputavam, o serrarem ao meio. Cada uma daquellas grandes democracias coloca a metade do genio na presidencia do Estado, rogando-lhe que não seja cruel! Que as encatruze no eixo da civilização, que suspenda os anatemas do *Silabus*, fulminado com uma algalia das colunas do *Seculo*!

E Agostinho reforma-lhes logo a estrutura! E' o maior ortopedista da epoca contemporanea. Um dia que o tomaram por veterinario, escutou voz profetica sussurando-lhe de mansinho ao ouvido: — *Medice, cura te ipsum*!

Porém, ao cabo da *interview*, desaforo rasgado me desafrontou os pulmões. O sr. Fortes perdoava á Suissa, «apesar d'alguns defeitos d'organisação que ella contam». Desconfio que o maior vicio da Suissa é lá não ter nascido o sr. Agostinho que vae crear «uma republica nunca moldada pelas actuaes republicas.»

Que valeria á Suissa tanta benevolencia? Contar os Alpes lá dentro, os Alpes irmanados em altura e alvinitencia ao talento do nosso colosso?

Com que embirrou elle na Suissa? Com os cabritos monteses da epopeia de Tartarin que tomavam vinho quente na cosinha dos hotéis? Com o *ranz des vaches* que afirmam endoidecer de aborrecimento aquelles que resistem ás estopadas do principe do reformismo? Misterio... sobre misterios!

E mais Agostinho promete os votos do seu partido aos republicanos. Emfim! Se não fôra o voto de dez ou doze despeitados, lá se gualdia a representação parlamentar. Mas entrar com esses votos na balança do sufragio, é concorrer para uma republica abominavel, sem educação, demagogica! O rigorismo dos principios obrigaría o sr. Fortes ou a votar em si proprio... ou em si proprio a votar.

*

* *

Imaginemos que o sr. Agostinho Fortes vivia aqui ha setenta annos atraz. Esboçemos-lhe o perfil d'então.

Passou em Coimbra uma tristonha mocidade, alheio a folgedos, queimando almudes d'azeite sobre os indigestos cartimpacios do direito. Os colegas arruaçavam por vielas e congostas, tresnoitando vinhos brigões, e elle esbarrigava o direito romano, co-tejando os tratadistas, anotando as sebetas.

De rosto encruado, melancolico. tez esfumeada, ressuava latim e mediocridade. Os lentes conceituavam-no, e os *accessits* pagavam lhe as fadigosas vigílias. Um poço... sem fundo... de erudição.

Tomou capelo, e regeu cadeira. Nunca quebrou uma praxe, nem faltou a uma aula. Uma vez o levaram ao parlamento. Assentou-se ao lado dos conservadores da ponderada liberdade, que o tratavam de eminente jurisconsulto, gloria academica, abalisado letrado.

Não quebrou carteiras nem desvirginou ideias. Quando se levantava a falar, começava as questões pelo principio, mas ao quarto periodo do exordio, na camara não havia viv'alma, e o presidente decifrava charadas de parceria com os secretarios.

Leonel Tavares apodou-o de *deputado pneumático* porque mal principiava a orar, fazia o vacuo na camara. Convidado a entrar em bernardas, excusava-se por horror á demagogia. Em momentos varios mudou de partido, mas sempre avançando, de modos que ao fim da carreira encontrava-se á porta do migue-lismo.

Morreu dum empacho de sabedoria, e foi a unica vez que ninguem reparou no vacuo que deixara. Deus o tenha em sua santa guarda, no quarto ceo, cadeira junto á coxia, bancada dos doutores. Assim seja.

O sr. Agostinho Fortes foi um homem que errou a data do seu nascimento !

Guerreiro de cortiça

A conspiração militar de Vasconcelos Porto. — O marechal Saldanha, e um coronel ferroviario. — Em busca de suas heroicidades. — O exercito, instrumento de façoes. — Tempos mortos. — Vivos podres.

De ha tempos a esta parte, não transeorre semana sem que as gazetas digam: Seguiu para tal parte o snr. Vasconcelos Porto. Outras vezes, os reporters surpreendem o citado coronel, arribado a uma terra sem prévio annuncio, escoando-se como um principe que aneia passar desconhecido, para misteriosas conferencias com politicos do seu partido, ou graduados das hostes reacionarias.

Estes ares de tramoia d'opereta, esta maneira calculadamente inhabil de desvendar manobras ocultas, este romantico rebuçar coisas que sem taes andanças se nos afiguravam naturaes — trazem o cunho de armadilhas conspiratorias.

De facto, o coronel Vasconcelos Porto conspira. Officiaes do

exercito que na intentona não estão metidos, e sobre os quaes não incide suspeita de republicanismo, narram a quem quer ouvir que o sr. Vasconcelos Porto anda a aliciar tropa.

Que tenta elle? Um golpe-de-mão da soldadesca, reabrindo-se o periodo das saldanhadas? Talvez sonhe uma ditadura de caserna, e conseqente sangria dos elementos jacobinos, e o regresso aos tempos de entre 1820 a 1851?

Mas onde o prestigio, os dotes, as qualidades do sr. Vasconcelos Porto, ao que parece emulo do marechal Saldanha? Em que trofeu de gloria se encontra a espada deste Saint-Arnaud?

*

* * *

Era Saldanha um tipo de peninsular garboso e irrequieto, sedutor e contraditorio, pueril na sua vaidade, bravo nas arremetidas, pendendo ora para liberdade ora para o despotismo, especie de *condotiere* que umas vezes a paixão movia, outras a ganancia empurrava.

Dotado de fortes superioridades no campo da batalha, bateu-se e ganhara renhidos combates na America e por todos os plainos do reino, com a desenvolta galhardia com que em Paris, a par de Lafayette, acometera a guerra das ruas e barricadas. Atingira no exercito o maior prestigio da monarchia constitucional e a mais larga clientela.

No periodo da sua gloria alcunhavam-no de D. João VII. E em 15 de maio de 1851, ao tomar posse do governo, apoz a queda definitiva de Costa Cabral, o rei D. Fernando houve d'entregar-lhe o bastão do comando em-chefe. A' noite, no teatro, a assistencia em delirio aclamou-o como se uma cabeça coroada assomara no camarote, e forçou a rainha á humilhação de erguer-se na sua tribuna real, saudando de pé o subdito que lhe derrubara o valido.

Ora o sr. Vasconcellos Porto, quanto a campanhas guerreiras, talvez se inscrevam na sua folha de serviço, cruas pelejas noturnas nalguma estalagem de provincia, revolvendo-se entre o

linho dos lençoes contra esquadrões de percevejos famintos. Ou armado dum esgalho de carvalheira frondosa, acaso bateria com o ramo os tavões importunos que, em dia de sol e por estrada poeirenta, lhe ferroavam a cavalgadura.

Escriba de gabinete, nem mesmo se aventurou até aos paizes coloniaes onde se criam febres biliosas e heroes. Nunca viu o reluzir duma carabina espreitando-o, como aviso da morte, pelas abertas dum tapigo de verdura, ou os olhos coriscantes dum negro a fitá-lo com rancor dentre às moitas de capim.

Ninguém lhe conhece gesto ou feito que de longe ao menos o abarbe a Serpa Pinto, a Galhardo, a Mousinho d'Albuquerque, a Roçadas, e outros que de repente não acodem. Nunca se lhe viu um rasgo, teatral ou apaixonadamente sincero, como o tiveram Luis de Quilinan, hoje já delido na memoria dos coetaneos, ou Paiva Couceiro, ou mesmo o sr. Azevedo Coutinho! A epopeia militar do sr. Vasconcelos Porto cifra-se em rubricar horarios das partidas e chegadas de comboios!

Professor da Escola do Exercito, jamais a sua fama d'especialista atravessou até ao grande publico. Nem concepções de lavra pessoal, nem excelencias de pedagogista, nem maravilhas de tecnica. A mediania obscura e triste dum secundario, vegetando sem fama nem gloria, calcurreando resignado a sua profissão como quem tressua sob um fardo de peso excedendo as forças disponiveis.

Chefe dum partido politico, nem é um parlamentar nem escritor. Não sabe falar, nem logra escrever.

Mas quando um homem na sua situação possui ideias e planos, as formas da oratoria ou os segredos da escrita, tornam-se secundarios. Basta sentir o vigor do pensamento para que a sua tradução se vaze em moldes mais ou menos corretos, de canhestra elegancia ou de esmerada linguagem. Não se atende ao exterior, palpa-se a essencia.

Porém o sr. Vasconcelos Porto nada disse e nada diz, donde logicamente inferimos que nada tem para dizer.

Foi governante na mais critica situação dos tempos ultimos, e de memoravel deixou a sua promoção atropelante, e o aumento

de soldo, igualando aquelles generaes pretendentes do imperio romano que só criam numa força capaz de movimentar as legiões: — o dinheiro.

*

*

*

Por ahi, essa malta de sacristias que fareja carniça, ao lembrar-se do 18 de junho em Lisboa, confia nos figados de má côr do sr. Vasconcelos Porto. Imagina-o peito d'aço, sem fibra de piedade, para matanças colossaes. Viria elle a ser o magarefe da jacobinada, um avatar do brigadeiro Teles Jordão, mais expedito na faina, porque as metralhadoras hodiernas varrem uma avenida com a prestêsa do vento.

A tentativa dum golpe imitado de Napoleão III, não precisa apenas de generaes e officialidade. Requer soldadesca cega, automato nas mãos do chefe, ou abarrotada de vinho, ou comprada a oiro.

Uma sublevação militar pôde degolar-se com prontidão. Basta que dentre as filas de soldados e sargentos, uma cabeça pense. E nesse instante um tiro, a tempo jogado sobre o general que conduz as tropas para trucidar cidadãos, finalisa o episodio com o sangue dum só, poupando o sangue de muitos mil.

Aliaz transformar o exercito num instrumento partidario é crear uma sublevação continua. Se um coronel da facção franquista erguesse, em dado momento, contra o governo do partido *A* ou *B*, porção de batalhões ou algumas brigadas, ao outro dia um official do partido derrubado pelas armas, procederia igualmente com o vencedor da vespera.

Acresce que sempre que certo corrillo triunfasse, ver-se-hia obrigado a mondar os quadros. Demitiria em massa, ou passaria á inatividade, os officiaes das outras parcialidades politicas. Pois se tal não praticara, jamais contaria seguro o dia d'a manhã.

Dentro em breve, os odios referveriam de fóra a fóra. Os excluidos organisariam o fermento de todas as revoltas. As vin-

ganças pessoas em que o português não é pêco, a seu turno ensanguentariam a terra.

E eis-nos de chofre arremessados para a epoca morta em que os assassinios politicos se multiplicavam, as quadrilhas infestavam as provincias, e como os banidos se não sustentam do ar lavado das serras, mas tambem vivem de pão — teriamos o roubo e os assaltos á mão armada erigidos em inevitavel instituição social.

*

* *

«Os Saldanhas morreram todos» — escreveu ao remate do *Portugal Contemporaneo*, Oliveira Martins. E assim foi. Nem a espada de Mousinho que era alguém, relampejou como estoque de condestavel duma monarquia de violencias. Os Saldanhas expiraram de velhice, os Mousinhos suicidaram-se.

Descrevem os fisiologistas que varios individuos, ao exalar o suspiro derradeiro, evacuem as fezes. Tanto importa que expliquem o fenómeno por um relaxamento geral dos musculos, como algum espiritualista avente dar-se o caso porque a alma imaterial, ao despedir-se do corpo que lhe foi carcere, raivosa lhe atira uma parrelha de coices. Que os vindouros apurem o segredo.

De maneira que isso que por ahi se agita, tilintando catarinas, arregoando caramunhas sanguinarias, ameaçando morticínios, são os derradeiros restos de animalidade que o marechal expulsou do seu interior, no seu leito mortuario.

Não assustam, fedem.

